



Edição 23 - Outubro de 2022

Artigo recebido até 25/01/2022

Artigo aprovado até 28/02/2022

O DISCURSO FEMINISTA NOS ESTILOS ROCK, MPB E FUNK

Rosana Monti Henkin

UEMS

Marlon Leal Rodrigues

UEMS/NEAD

Introdução

A proposta do presente trabalho é analisar o discurso feminista nas letras das músicas, tomadas como “discurso” (Pêcheux, 1997), em três “estilos” (Possenti, 2001) - Rock, MPB e Funk. Um dos objetivos é identificar os elementos ideológicos do feminismo contidos em cada estilo musical. As letras das músicas populares brasileiras aqui focalizadas apresentam um discurso caracterizado, construído de sentidos, valores, relações sociais e crenças a respeito da ruptura histórica provocada pelo feminismo. É importante ressaltar que o principal objetivo desse trabalho é analisar o discurso feminista contido nas letras das músicas em cada estilo musical.

A análise se restringe ao corpus construído por três letras de músicas produzidas a partir de 1980, período em que o movimento feminista conquista vários direitos para as mulheres. Procuo evidenciar a representação discursiva do feminismo na música, compreendendo-a sempre associada à cultura e às tradições de um povo e de sua época e com um grande “poder” (Foucault, 1997) de interpelar os “sujeitos” (Pêcheux, 1997) que nela se constituem em cada estilo que mais lhe “agrada”.

Este trabalho procurará analisar o sentido do discurso feminista nas letras das músicas, bem como sua relação com a história a partir de uma memória discursiva (Pêcheux, 1997).

Nosso objetivo é analisar o discurso feminista nos estilos Rock, MPB e Funk, pois as conquistas do movimento feminista especialmente a partir dos anos 1980 se constituíram em novas práticas sociais, materializadas, inclusive nas relações de produção, o que aponta para uma ruptura com a ordem machista. O objeto de estudo deste trabalho é o discurso feminista contido nas letras de algumas músicas brasileiras tomadas como discurso a respeito do posicionamento das mulheres enquanto sujeitos dessa ruptura. (POSSENTI, 2005).



A presente pesquisa se justifica por buscar analisar como o movimento feminista, a partir de conquistas significativas, ocasionou uma transformação nas relações entre homens e mulheres.

Acredito que este trabalho mostrará em alguma perspectiva que as mulheres se apropriaram da fala feminista, rompendo com a ideologia machista, posicionando-se como protagonistas, e de certa forma com algumas práticas capitalistas, no que se refere aos padrões estéticos e consumistas reservados às mulheres (ALTHUSSER, 1985).

A metodologia segue da seguinte forma: recortar os enunciados, agrupar os enunciados em discursos, caracterizar os discursos, analisar alguns dos sentidos dos discursos; considerações das formações discursivas e ideológicas nos discursos analisados; verificação discurso feminista em cada estilo musical.

O objeto deste estudo é o discurso feminista nos estilos musicais rock, MPB e Funk. Já o objetivo é analisar o funcionamento do discurso feminista nos estilos roque, estilo funk e MPB, identificando os elementos ideológicos do feminismo contidos em cada estilo musical, bem como o posicionamento das mulheres diante do estabelecido e do novo.

A metodologia segue da seguinte forma: recortar os enunciados, agrupar os enunciados em discursos, caracterizar os discursos, analisar alguns dos sentidos dos discursos; considerações das formações discursivas e ideológicas nos discursos analisados; identificação do discurso feminista em cada estilo musical.

Feminismo

Quando falamos de feminismo, nos referimos a um movimento que engloba teoria, prática, ética, a uma ação política das mulheres que toma as próprias mulheres como sujeitos históricos da transformação de sua própria condição social. Propõe que as mulheres partam para transformar a si mesmas e ao mundo. O feminismo se expressa em ações coletivas, individuais e existenciais, na arte, na teoria, na política e reconhece uma multiplicidade de sujeitos. (SOARES, 1998).

Em que pese a resistência das mulheres em todas as épocas, o movimento de mulheres surge no Brasil aliada com o movimento de mulheres internacional, porém com características locais específicas. Na virada do século XIX para o século XX até 1932, a fase denominada carinhosamente “feminismo bem comportado” caracteriza-se por ter como protagonistas mulheres

brancas escolarizadas, defendendo as bandeiras das conquistas sociais, do direito de frequentar escolas e universidades e dos direitos de votar e ser votadas (PINTO, 2003).

A segunda fase do feminismo do Brasil, carinhosamente chamado de “mal comportado”, caracteriza-se por ter como protagonistas mulheres operárias, defensoras de um feminismo radical, que discutia além das questões trabalhistas, a conquista dos espaços masculinos de poder. (PINTO, 2003).

Com o desenvolvimento da indústria do Brasil, a classe trabalhadora organizou-se através dos sindicatos, influenciada principalmente pelo marxismo. Essa corrente ideológica entendia que as lutas específicas enfraqueciam o movimento, o que provocou um refluxo do movimento feminista, acentuado a partir de 1937, ressurgindo no enfrentamento ao Regime Militar, principalmente por meio das pessoas exiladas que tiveram contato com essas ideias, e da participação das mulheres nas organizações eclesiais de base, fazendo parte da redemocratização do país.

As mulheres estiveram à frente nos movimentos populares de oposição, criando suas próprias formas de organização, lutando por direitos sociais, justiça econômica e democratização. Fazem parte desse momento as primeiras manifestações contra a violência contra a mulher, que, aliado a um movimento mundial, no qual a ONU declarou o ano de 1975 “Ano Internacional da Mulher”, resultou na criação do SOS Mulher no Rio de Janeiro (1980), serviço telefônico de orientações e denúncias; do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (1984); na implantação do Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PAISM / 1985), da primeira delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (1986). (PINTO, 2003).

O lugar da militância feminista alastrou-se para outros espaços. Nos sindicatos, criou-se uma interlocução entre as feministas e as sindicalistas, que teve desdobramentos significativos para as relações entre o sindicalismo e as trabalhadoras. Com as esquerdas e as forças políticas progressistas, as feministas debateram alguns pontos da teoria e da prática do fazer político, apontando para a não-hierarquização das lutas e a sexualização das práticas nos espaços públicos. O feminismo trouxe para o movimento de mulheres temas como o direito de ter ou não filhos, punição aos assassinos de mulheres, aborto, sexualidade, violência doméstica, os quais foram depois incorporados pelos partidos políticos. (SOARES, 1998).

Nos anos 90 a forma tradicional do feminismo sofreu grande desgaste e inúmeras manifestações anti feministas, o que provocou uma readequação do movimento. Surgem, então muitas ONGs que tratam dos assuntos referentes às mulheres, mesmo sem identidade feminista, porém com as bandeiras de luta do respeito às diferenças e da necessidade das políticas públicas. É um feminismo difuso, pautado mais na necessidade que na conscientização, que busca a transformação da condição da mulher na sociedade a propõe a rediscussão dos papéis sociais e a valorização do feminino.

O feminismo apontou para a exclusão das mulheres na sociedade, criou novos paradigmas para a análise dessas situações e inscreveu-se como tema das pesquisas acadêmicas. Suas ideias se instalaram em diversos espaços do social e do teórico. Ora identificando o Estado como a concretização material e simbólica do poder político central, ora mostrando que o poder se estende e está presente em todas as instâncias do cotidiano, trouxe reflexões à política, no sentido de sua ampliação e da incorporação de novos sujeitos, e debateu com as esquerdas a não hierarquização das lutas, entre as quais as lutas pela democracia, incorporando as mulheres como sujeitos de direitos. Também trouxe para as agendas dos movimentos diversas questões: igualdade na educação, direitos reprodutivos e saúde, participação política das mulheres, discriminação no trabalho e políticas de emprego, cuidado com as crianças, pobreza e bem-estar, violência contra a mulher. Mais recentemente, colocou em debate as ações afirmativas e as propostas de cotas mínimas de participação nos lugares de decisão, bem como a construção e implementação de políticas públicas para as mulheres. (SOARES, 1998).

Breve Histórico da Análise do Discurso Francesa – AD

Embora desde o século XIX a Análise do Discurso – AD já estivesse tomando forma com a semântica histórica, com os formalistas russos que buscavam no texto uma lógica interna, no início do século XX e com Saussure que fundara uma linguística preocupado apenas com a língua estática, foi na década de 60 a AD surge na França com as teorias de Pêcheux, fundamentada na linguística de Saussure, na Psicanálise de Freud (releitura de Lacan) e no Materialismo de Marx (releitura de Althusser) e se voltou para os estudos da língua em funcionamento e seus sentidos.

De acordo com Pêcheux (apud MAINGUENEAU, 1993: 11): “A Análise do Discurso não pretende se instituir como especialista de interpretação, dominando o sentido dos textos, apenas



pretende construir procedimentos que exponham o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito.”

A AD se interessa pelo enunciado, compreendendo que os sujeitos são sempre substituíveis, pois enunciar é colocar a língua em movimento e assim as formações discursivas, objetos que interessa à AD, seriam “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada as condições de exercício da função enunciativa”. Foucault (apud MAINGUENEAU, 1997, p. 12).

Como disciplina voltada para os estudos da língua, enquanto rede de memórias sociais e históricas, em funcionamento e seus sentidos, a AD se constitui a partir dos conceitos-chave de ideologia, os quais Pêcheux vai buscar em Althusser; discurso em Foucault e sujeito em Lacan. É com base nos trabalhos desses estudiosos que Pêcheux desenvolve seus conceitos, dando forma a AD francesa.

A AD formula uma teoria da leitura rompendo com a análise de conteúdo e com a filologia. Seja pela crítica da leitura baseada em categorias temáticas ou pela diferente abordagem do sentido, que introduz a noção de efeito de sentido entre os interlocutores; seja questionando as concepções de uma língua unívoca, de um sujeito como unidade controlada pela razão, que diz o que quer e a de conjuntura uniforme; não aceita que autores de outras épocas pudessem ter dito tudo e só o que queriam, e que bastasse conhecê-los e a sua época para decifrar o sentido de um texto.

Existem alguns conceitos que fazem parte do universo da AD e que dão consistência à sua ação:

a) **Discurso.** Em Orlandi (1999) o discurso é palavra em movimento, através do qual observa-se o ser humano falando. Mas também é um objeto sócio histórico, pois nasce de um trabalho sobre outros discursos. A língua se materializa no discurso, o que se materializa na ideologia. (ORLANDI, 1999).

Na AD, a noção de discurso não é estável. Para Pêcheux a noção de discurso ou superfície discursiva corresponde ao conjunto de enunciados realizados, produzidos a partir de uma certa posição, mas também pode considerá-lo como o sistema de restrições que permite analisar a especificidade desta superfície discursiva. Esse sistema de restrições seria um conjunto de regras



capazes de produzir uma infinidade de enunciados, realizados ou não, a partir da posição enunciativa estudada. (Maingueneau, 1993).

b) **Ideologia.** Para Marx, a produção das ideias não pode ser analisada separadamente das condições sociais e históricas nas quais elas surgem. As ideias são valores que os seres humanos criam segundo as suas condições materiais de existência. Esses valores são criados com um fim bem específico, o de manter o status da propriedade privada e dos donos dos meios de produção. Considera que é a produção de seus meios de existência que caracteriza os seres humanos como tais, e que a garantia da permanência da espécie e das relações estabelecidas acontece por meio de sua reprodução. A maneira como os seres humanos produzem seus meios de existência representa um modo determinado da atividade desses indivíduos e a maneira como os indivíduos manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são e depende das condições de produção. (MARX, ENGELS, 1846).

Althusser (1918) complementa afirmando que para que a produção seja possível é necessária a renovação dos meios de produção. Uma formação social precisa reproduzir as condições de produção ao mesmo tempo que produz para sobreviver. A condição última da produção é a reprodução das condições de produção, entre as quais está a reprodução de seres humanos. No processo de reprodução da força de trabalho é preciso lançar mão da qualificação, transformando os indivíduos em sujeitos e garantindo a sua submissão à Ordem maior, o seu reconhecimento enquanto sujeitos e a garantia de que tudo assim permanecerá. Dessa forma, o sujeito humano é constituído por uma estrutura centrada nas formações ideológicas em que ele se "reconhece". (ALTHUSSER, 1918)

Assim, podemos definir ideologia como um conjunto de práticas materiais necessárias à reprodução das relações de produção, que utiliza a sujeição como mecanismo que leva o agente social a reconhecer o seu lugar. A sujeição é um mecanismo ideológico que existe nas ideias e práticas das instituições concretas. (ALTHUSSER, 1918).

c) **Paráfrase.** A paráfrase é uma atividade de reformulação, através da qual se restitui o sentido de um discurso já produzido. Ao parafrasear, o sujeito enunciativo desloca o sentido a partir de um discurso fonte, através de argumentação discursiva, reformulações, onde o sentido do texto-fonte é decodificado, "reconstituído pelo sujeito e não é jamais reproduzido idêntico, mas

sempre re – re – constituição”. Impõe-se como uma estratégia de produção de sentido, como uma atividade discursivo-interativa dos sujeitos. (Fuchs, 1982: 30).

d) **Enunciado.** Todo discurso é feito de enunciados. Já foi dito que a AD enunciar é colocar a língua em movimento. Mas existem duas maneiras fundamentais de conceber a enunciação. Uma avalia em que medida certas marcas da língua são destinadas a assinalar a enunciação, considera que existem elementos de uma língua que têm por função estabelecer comunicação entre o enunciado, as circunstâncias e aos interlocutores. Questiona se o locutor e o interlocutor podem ser analisados como interlocutores pessoais ou como posições em formações discursivas.

A segunda verifica em que medida a posição dos enunciadores é marcada por procedimentos meta enunciativos produzidos no interior da formação discursiva a que o enunciador pertence e que o condiciona a trabalhar para que a sequência que produz seja uma das que pode e deve dizer. Considera que deve-se assumir uma posição discursiva, pois não se pode dizer duas coisas ao mesmo tempo, ou seja, o dito implica rejeitar o não dito. (POSSENTI, 2005).

e) **Formação ideológica.** Uma Formação Ideológica corresponde a determinado conjunto de atitudes e representações que se relacionam com as posições de classe. Elas admitem uma ou várias formações discursivas interligadas, as quais determinam o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada, excluindo ou apagando o que não pode e não deve ser dito. As diferentes formações ideológicas materializam-se nas diferentes formações discursivas, pois o conhecimento de mundo existe necessariamente vinculado à linguagem. Por isso, a AD trabalha com a ideia de formação discursiva enquanto componente da formação ideológica, com o objetivo de apreender o funcionamento da ideologia na constituição do discurso. Pode-se dizer que o discurso materializa as representações ideológicas; dessa forma, as formações ideológicas existem graças às formações discursivas. A cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e figuras que materializa uma dada visão de mundo. Assim como uma formação ideológica impõe o que pensar, uma formação discursiva determina o que dizer. (PÊCHEUX, 1997).

f) **Sentido.** Para a AD, o sentido é um efeito da substituibilidade das expressões, sendo que o conjunto delas produz um efeito de referência e sempre remete a ocorrências históricas. Assim, qualquer enunciação supõe uma posição a partir da qual os enunciados recebem seu sentido e qualquer dessas posições implica uma memória discursiva, pois as formulações sempre estão relacionadas a outras formulações, já que nascem do interdiscurso. Interdiscurso é o lugar no qual

se constituem “os objetos de que o sujeito enunciador se apropria para fazer deles objetos de seu discurso, bem como as articulações entre esses objetos pelos quais o enunciador dará coerência a seu propósito” (Possenti, 2005). Os sentidos têm caráter necessariamente A relação metafórica que funciona como matriz do sentido é historicamente dada. Então os sentidos têm um caráter necessariamente histórico. Um efeito de sentido se produz em um corpus discursivo. (Possenti, 2005).

g) **Formação discursiva.** Para a AD um texto faz sentido por sua inserção em uma formação discursiva, em função de uma memória discursiva, do interdiscurso, que o texto retoma e do qual faz parte. É “o que pode e deve ser dito” (Foucault apud Maingueneau, 1993). Toda formação discursiva dissimula sua dependência com relação ao interdiscurso, que também é submetido às leis de desigualdade-contradição subordinação que caracteriza o complexo das formações ideológicas.

h) **Memória discursiva.** A memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas reguladas por aparelhos ideológicos. São discursos que estão na origem de atos novos, de falas que os representam, os transformam ou falam deles, que são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer. O domínio da memória é constituído por um conjunto de sequências que preexistem a um certo enunciado.

i) **Acontecimento.** O acontecimento é o que foge à estrutura. Ele é único, pois “é dada a existência a alguma coisa que não existia antes de falar e que não mais existirá depois”.

Acontecimentos discursivos são fatos discursivos a respeito dos quais se possa dizer que se descobre em nova chave histórica sobre os acontecimentos que são menos visíveis.

Uma visão plural de acontecimento permite romper com uma história que procurasse em todo o sentido e com a relação discurso-enunciação como evento singular. Além disso, poderia permitir especificar os elementos do discurso que escapam aos sujeitos e aqueles que eles têm conhecimento.

Esta concepção está situada na ruptura com qualquer concepção de história linear e teleológica. (Possenti, 2005) Como o conhecimento não se produz por acumulação, mas por anteriores, seja por esgotamento, seja por novas problemáticas ou novas vontades.

A ruptura pode acontecer de duas formas: em relação a uma teoria científica, quando uma teoria toma o lugar de outra no mesmo campo ou constrói outro, como por exemplo as teorias desenvolvidas por Einstein e Saussure; em relação a uma ideologia, transformando o campo em objeto de ciência, passando a tratá-lo segundo procedimentos científicos específicos, como por exemplo as teorias de Gênero.

Estilo

Conceito - Para Aurélio Buarque de Holanda, estilo pode significar: 1. Modo de exprimir-se falando ou escrevendo. 2. Uso, costume. 3. A feição típica de um artista, uma escola artística, uma época, uma cultura. (FERREIRA, HOLANDA, 1993)

Sírio Possenti comenta que os estilos podem ser considerados como códigos dentre os quais os locutores de uma comunidade linguística podem operar uma escolha apropriada à situação tanto do ponto de vista social quanto cultural, situação definida por fatores que variam de uma comunidade para outra, e também que os diferentes estilos utilizados por uma mesma pessoa são considerados como que distanciamentos em relação ao seu estilo base. Dessa forma, os falantes têm à sua disposição um conhecimento linguístico diversificado e escolhem desse repertório as formas que lhes parecem adequadas para realizar o objetivo que têm em mente falar. (POSSENTI, 2001)

Ainda segundo Possenti (2001: 274)

“é que o falante tem um papel, não só o contexto ou a classe a que pertence. Se é verdade que ele não está livre das regras linguísticas nem das sociais, também é verdade que as regras linguísticas lhe permitem pelo menos aspirações, representações e, mesmo rupturas de regras, lugares onde a subjetividade se manifesta como não necessariamente assujeitada, mas sim ativa. Se levarmos radicalmente a sério a língua como resultado do trabalho e o discurso como atividade e se considerarmos que o discurso é feito na língua, mas também atua em cada vento circunstancial sobre ela, então até parecerá correto afirmar com Goethe (apud STAROBINSKI, 1970) que "o estilo não é [...] nem o particular puro, nem o universal mas o particular em instância de universalização e o universo que se desprepara remeter a uma liberdade singular"”.

Assim, a música tem em si um estilo diferente, na composição musical, no som, na letra, e dentre esses estilos musicais destacam-se aqui alguns deles.

Estilo Musical – MPB



Edição 23 - Outubro de 2022

Artigo recebido até 25/01/2022

Artigo aprovado até 28/02/2022

O Rock and Roll surgiu na década de 50 e tem suas raízes na música negra americana, em especial no Blues. Uma mistura de Country e R&B gerou o ritmo que, com o passar dos anos, originou várias vertentes como o Progressivo, Punk, Hard Rock, Metal, Hardcore, Grunge, Emo, entre outros. Atualmente o rock convive com muitos estilos e influências. Houve fusão com praticamente todos os ritmos existentes, até mesmo com o samba. Muitos outros instrumentos musicais se juntaram às guitarras, baixos e baterias e tornaram o estilo, um dos mais democráticos que existem. Neste trabalho analisaremos a música “Rosa Choque” de Rita Lee.

Estilo Musical – MPB

É um gênero musical brasileiro que surgiu a partir de 1966, com a segunda geração da Bossa Nova. Na prática, a sigla MPB anunciou uma fusão de dois movimentos musicais até então divergentes, a Bossa Nova e o engajamento folclórico dos Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes, os primeiros defendendo a sofisticação musical e os segundos, a fidelidade à música de raiz brasileira. Seus propósitos se misturaram e, com o golpe de 1964, os dois movimentos se tornaram uma frente ampla cultural contra o regime militar, adotando a sigla MPB na sua bandeira de luta. Neste trabalho analisaremos a música “Dom de Iludir” e Caetano Veloso.

Estilo Musical Funk

O funk é um estilo musical que surgiu através da música negra norte-americana no final da década de 1960, a partir da soul music, tendo uma batida mais pronunciada e algumas influências do R&B, rock e da música psicodélica; é um tipo de música que bate de frente com outros estilos, pois mostra em suas letras a vida como realmente é. Hoje o funk renasceu nos morros do Rio de Janeiro e São Paulo, mexendo com toda a sociedade, tanto no embalo da música, quanto na polêmica que tem causado. O estilo de música é para ser dançado com sensualidade e em suas letras está à mostra a podridão do mundo e a realidade pura vista de maneira real sem rodeios e enfeites. Neste trabalho analisaremos a música “Boladona” de Tati Quebra Barraco.

Análise dos Dados

Para realizar a análise examinaremos o corpus considerando sua enunciação como correlata de uma posição sócio histórica onde os enunciados podem ser substituíveis. (Maingueneau, 1987) A análise deste trabalho foi realizada a partir dos recortes de discursos, (enunciados) – (ver anexo I) –

que permitiu verificar o discurso feminista nos diferentes estilos musicais. Para proceder à construção da análise, recortei os discursos a partir de músicas de cantores/autores consagrados e ou conhecidas, com a finalidade de analisar a constituição da identidade nos discursos dos estilos musicais, referentes ao discurso feminista considerando os variados enunciados discorridos em cada música.

Discurso feminista no estilo Rock

Neste estilo, observa-se que o discurso feminista aparece de forma irreverente em diferentes sentidos, afirmando a força das mulheres, declarando a flexibilidade, a capacidade de resistência das mulheres, denunciando a necessidade de dissimulação que a ideologia machista impõe.

- (1) Nas duas faces de Eva / A bela e a fera / Um certo sorriso / De quem nada quer...
- (2) Sexo frágil / Não foge à luta / (3) E nem só de cama / Vive a mulher...
- (3) Por isso não provoque / É Cor de Rosa Choque
- (4) Mulher é bicho esquisito / Todo o mês sangra
- (5) Gata borralheira / Você é princesa / Dondoca é uma espécie / Em extinção...

Flexibilidade

No enunciado (1) o discurso identifica flexibilidade que as mulheres sempre precisaram exercitar para sobreviver à limitação que a sociedade machista impõe, oferecendo apenas duas opções, as quais não consideram toda a diversidade das mulheres enquanto seres humanos. As mulheres precisam se equilibrar entre essas opções. A bela não significa apenas beleza plástica, mas a mulher comportada, que cumpre a função de gênero, a mulher que aceita o molde definido pela sociedade sem questionar, a mulher que cumpre a função social da reprodução do sistema no âmbito privado. A fera representa aquela mulher que é feia perante os olhares machistas. É a mulher que não seria boa esposa, pois foge dos padrões comportamentais das mulheres, não aceita a dominação machista, não aceita viver em função das regras e das necessidades dos homens. Ao mesmo tempo, o exercício de ser bela ou fera muitas vezes exige uma certa dissimulação, um indício de que está tudo como deveria ser, uma aparência de resignação frente a essa situação que não deve ser questionada.

Força



Edição 23 - Outubro de 2022

Artigo recebido até 25/01/2022

Artigo aprovado até 28/02/2022

O enunciado (2) demonstra mais uma desconstrução das ideias machistas. O sexo feminino é considerado frágil para justificar a dominação e a exploração masculina, porém a maioria das mulheres cumpre uma tripla jornada de trabalho, dividida entre a produção e a reprodução da força de trabalho. Além das funções domésticas, as mulheres precisam tratar da sua sobrevivência, da sua realização profissional, e conciliar tudo isso com as necessidades da família.

Ruptura com o Patriarcado

O enunciado (3) revela a magnitude do feminismo enquanto movimento de resistência das mulheres. Culturalmente cor de rosa é a cor das mulheres, que significa a beleza, do romantismo, do amor eterno e carinhoso, porém potencializado ao rosa choque simboliza respeito, dignidade, devoção, piedade, sinceridade, sensualidade, transformação. A indignação das mulheres frente à dominação machista provocou uma transformação nas relações. Esse discurso declara que nem todas as mulheres são suaves, que a delicadeza depende da qualidade dos relacionamentos e que as mulheres reagem diante da opressão masculina exigindo respeito.

O enunciado (4) apresenta uma face que por milênios ficou escondida, um tema que rompe com o discurso machista da negação da sexualidade das mulheres. Uma das formas da dominação machista se dá por meio do controle da sexualidade das mulheres. O sexo das mulheres foi feito para a reprodução, e deve ser escondido, pois seu corpo pertence ao seu homem (marido, pai, provedor, protetor). Declarando que as mulheres menstruam, a sexualidade das mulheres deixa de ser um assunto privado. As mulheres passam a ser sujeitas a direitos sexuais.

Autonomia das Mulheres

No enunciado (5) vem à tona a exploração de classes que reforça a exploração machista. Mulheres burguesas exploram mulheres das classes pobres. Porém as políticas públicas implantadas nos últimos 30 anos incentivam a criação de mecanismos para a autonomia das mulheres, seja por meio de capacitação profissional, seja pela colocação no mercado de trabalho. Além disso, existe a proposta de economistas feministas que apresentam a economia solidária como alternativa para a superação da exploração capitalista.

O Discurso Feminista no Estilo MPB

No estilo MPB o discurso feminista revela-se afirmando o quanto as máximas que sustentam a ideologia machista são nocivas às mulheres. (6) Não me venha falar / Na malícia de



Edição 23 - Outubro de 2022

Artigo recebido até 25/01/2022

Artigo aprovado até 28/02/2022

toda mulher / Cada um sabe a dor / E a delícia / De ser que é. (7) Não me olhe / Como se a polícia / Andasse atrás de mim (8) Você sabe explicar / Você sabe / Entender tudo bem / Você está / Você é / Você faz / Você quer / Você tem... (9) Você diz a verdade / A verdade é o seu dom / De iludir / Como pode querer / Que a mulher / Vá viver sem mentir.

A Opressão das Mulheres

O enunciado (6) traz o discurso das artimanhas que supostamente as mulheres lançam mão para conseguir o que querem. Durante muito tempo as mulheres precisaram dissimular seus sentimentos e pensamentos para serem aceitas, por mais doloroso que fosse esse processo, uma vez que nas relações patriarcais a função das mulheres é servir aos homens.

O (7) traz o discurso da reprovação das manifestações femininas. Quando as mulheres rompem com as regras abandonando a obediência e a submissão, colocando-se como sujeitas de direitos, subvertem a ordem vigente e historicamente foram penalizadas por isso. São exemplos o episódio da caça às bruxas, na Idade Média, ou da condenação à morte de Olympe de Gouges, líder da Revolução Francesa, ao escrever a "Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã".

O sentido de (8) é que a crença na superioridade masculina impediu o protagonismo das mulheres, pois historicamente os homens ocuparam os espaços do saber científico, da política, da economia, ficando a mulheres sempre em segundo plano. Enquanto chefes e provedores da família, os homens tomavam as decisões, apoiados na suposta predisposição dos homens para a razão e das mulheres para a emoção. As conquistas do movimento feminista promoveram uma transformação na correlação de forças, modificando leis e abrindo espaço para a autonomia das mulheres.

No (9) o discurso feminista aparece questionando a autoridade masculina em definir o que é verdadeiro ou falso, o que mentira e verdade. Como os homens estão sempre com a razão, as declarações das mulheres são necessariamente mentirosas. O enunciador assume uma posição discursiva na medida em que deixa claro quem fala a verdade e quem mente. Por outro lado, percebe-se a crítica dessa mesma posição, colocando como ilusão a afirmação de que os homens sabem mais que as mulheres e por isso são donos da verdade e por isso exercem a sua autoridade.

O discurso Feminista no Estilo Funk

No estilo Funk o discurso feminista é confirmado por meio da prática do protagonismo, seja em relação às conquistas amorosas, à posturas sociais, à sexualidade.



(10) Na madrugada boladona, sentada na esquina. / Esperando tu passar / altas horas da matina

(11) Com o esquema todo armado, esperando tu chegar pra balançar o seu coreto / pra você de mim lembrar

(12) Sou cachorra sou gatinha não adianta se esquivar / vou soltar a minha fera eu boto o bicho pra pegar

Protagonismo Feminino

Em (10) o sentido é da mulher independente, que vivencia as conquistas do movimento feminista. É aquela que toma atitudes, que exerce a sua sexualidade livremente e se impõe diante da sociedade. Sua inquietação não fica em segredo, mas manifesta na hora que bem entende.

Em (11) o discurso é da mulher que toma iniciativa quando está interessada num homem. Não espera ser conquistada, nem usa subterfúgios para seduzir.

Em (12) aparece o discurso da mulher bem resolvida, com autoestima elevada, que sabe de suas qualidades e não precisa escondê-las. Realiza uma relação de igualdade com o homem. Afirmar sua sensualidade e sua sexualidade livremente.

Considerações Finais

A partir das análises feitas, foi possível constatar que nos diferentes discursos contidos nos estilos musicais apresentados, o discurso feminista aparece como afirmação da igualdade entre homens e mulheres, como crítica ao pensamento machista e como confirmação de um novo posicionamento das mulheres em suas relações com os homens, com os espaços de produção e reprodução do sistema, com os espaços de poder.

Nos discursos musicais analisados aparecem as mulheres que exercem seus direitos e que rejeitam a dominação sexista, mostrando a sua força e o seu protagonismo. Caem as máscaras que historicamente justificavam a dominação masculina, declarando mulheres conscientes dos mecanismos de dominação aos quais sempre foram subjugadas e dos quais se libertam. São mulheres que exercem sua sexualidade enquanto direito, que não se colocam como a parte frágil da relação porque se reconhecem protagonistas da e na história.

O feminismo, como acontecimento, destaca mulheres que conquistaram seu lugar no mercado de trabalho, em que pese a dominação/exploração capitalista, que disputam, mesmo que



Edição 23 - Outubro de 2022

Artigo recebido até 25/01/2022

Artigo aprovado até 28/02/2022

não em condição de igualdade, os espaços de poder, destacando fatos discursivos que revelam uma nova chave histórica, rompendo com a concepção de naturalidade da desigualdade entre homens e mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBIN, Ricardo Cravo. O livro de ouro da MPB: a história de nossa música popular de sua origem até hoje. Ediouro Publicações, 2003.

ALTHUSSER, L. Aparelhos ideológicos do Estado. 9ª Ed. Rio de Janeiro-RJ: Edições Graal, 1985.

AUAD, Daniela. Feminismo: que história é essa? – Rio de Janeiro: DP & A, 2003. **DURHAM**, Eunice. Família e reprodução humana. In: A dinâmica da cultura. São Paulo: Cosac Naify, 2004. p.325-355.

FERREIRA, AURÉLIO Buarque Ferreira. Minidicionário de Língua Portuguesa. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

KRAMER, Heinrich, **SPRENGER**, J. O Martelo das Feiticeiras. Breve Introdução Histórica Rose Marie Muraro, Rosa dos Tempos, 2004.

MAINGUENEAU, D. Novas Tendências em análise do discurso. 2ª Ed. Campinas-SP: Editora UNICAMP, 1993.

MARX, K. e **ENGELS**, F. A ideologia Alemã. São Paulo-SP, Martins Fontes, 2002.

PÊCHEUX, M. Semântica e Discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio. 3ª Ed. Campinas-SP: Editora UNICAMP, 1997.

PINTO, Céli Regina Jardim. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. (Coleção História do Povo Brasileiro).

POSSENTI, S. Teoria e Discursos: um caso de múltiplas rupturas. Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos. V. 03, 2ª Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005, PP 353-392.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Gênero, patriarcado e violência / Heleieth Iara Bongiovani Saffioti – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. – (Coleção Brasil Urgente).



Edição 23 - Outubro de 2022

Artigo recebido até 25/01/2022

Artigo aprovado até 28/02/2022

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. O Poder do Macho. São Paulo, Editora Moderna, 2001.

SOARES, Vera. Muitas faces do feminismo no Brasil. In: BORBA, Ângela; FARIA, Nalu. & GODINHO, Tatau. (orgs). Mulher e política: gênero e feminismo no partido dos trabalhadores. São Paulo: Perseu Abramo, 1998.

SOUZA, Janaina Veras de; VIVALDO, Leonardo. A importância da música na Educação Infantil. Partes V.00 p. Eletrônica. Janeiro de 2010. Disponível em www.Partes.com.br/educação/musicanaei.asp. Acesso em 06/12/2012.

ANEXO I

(ENUNCIADOS MÚSICAS)

- (1) "Nas duas faces de Eva / A bela e a fera / Um certo sorriso de quem nada quer"(⁴RL.CD.1982);
- (2) "Sexo frágil, não foge à luta / E nem só de cama vive a mulher" (RL. CD. 1982);
- (3) "Por isso não provoque / É cor-de-rosa choque" (RL. CD. 1982);
- (4) "Mulher é bicho esquisito / Todo mês sangra" (RL. CD. 1982);
- (5) "Gata borralheira você é princesa / dondoca é uma espécie em extinção" (RL. CD. 1982);
- (6) Não me venha falar / Na malícia de toda mulher / Cada um sabe a dor / E a delícia / De ser que é. (²CV.LP. 1985)
- (7) Não me olhe / Como se a polícia / Andasse atrás de mim. (CV.CD. 1986)
- (8) Você sabe explicar / Você sabe / Entender tudo bem / Você está / Você é / Você faz / Você quer / Você tem. (CV.LP. 1985)
- (9) Você diz a verdade / A verdade é o seu dom / De iludir / Como pode querer / Que a mulher / Vá viver sem mentir. (CV.LP. 1985)
- (10) Na madrugada boladona, sentada na esquina. / Esperando tu passar / altas horas da matina (⁶TQB. 2005)
- (11) Com o esquema todo armado, esperando tu chegar pra balançar o seu coreto / pra você lembrar (TQB. 2005)
- (12) Sou cachorra sou gatinha não adianta se esquivar / vou soltar a minha fera eu boto o bicho pra pegar (TQB. 2005).